ANO 7.º | Sexta-feira, 14 de Agosto de 1914 | NUMERO 335

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empresa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A GUERRA EUROPÊA

O govêrno português perante os representantes da nação

Uma memoravel sessão parlamentar

PELA PATRIA!

Gràve, muito gràve mesmo a hora que atravessâmos.

Sete nações em guerra neste momento, agitando-se e levando a todos os pontos do globo, quando mais não seja, uma parcela de horror por tão grande calamidade, é caso para pensar, e a nós, portuguêses, que na contingencia estâmos de ter comparticipação nos acontecimentos, caso para nos decidirmos a entrar na luta mórmente depois que definida se acha a situação de Portugal em face do conflito europêo.

Pela Patria, deve ser o grito unanime de todos os portuguêses como foi o de aqueles que, faz hoje oito dias, irmanados no mesmo pensamento, unidos em volta da bandeira da Republica, nos déram o maior exemplo de patriotismo que podiamos esperar dos politicos em evidencia, alegrando-nos, no meio de tantas preocupações, a sua digna atitude. E' que se não eramos descrentes, no sentido lato do termo, já de nós se tinha apoderado um cérto desanimo ao vêr como neste país eram tratados os homens e as coisas e que nunca—ó! nunca!—nos passou pela mente assistir a semelhante espectaculo.

Mas ainda bem que os partidos que ontem se degladiavam tenazmente aparecem unidos como um só corpo em volta do govêrno, na mesma comunhão de ideias, honrando-se, dignificando a Republica, enaltecendo a Patria o que para o nosso coração, para o coração de muitos, da maioria dos portuguêses, é balsamo refrigerante que anima, impulsiona, encoraja, sentindo pulsar nele a vida, a alegria, o contentamento que tal facto veio trazer na hora incerta que atravessâmos. E justifica-se. E compreende-se. Era preciso acabar, dar tréguas ao que tão manifestamente empestava a atmosféra politica e que tanto se refletia no regimen a ponto dos nossos adversarios não carecerem de mais para o combater. A guerra européa trouxe uma grande vantagem á Republica: uniu, fez cerrar fileiras aos republicanos, aos patriotas, para o mesmo fim—defender a Patria sob a bandeira da democracia e ao lado dum povo liberal de quem somos aliados ha mais de seis seculos, prontos, como disse Afonso Costa, a partilharmos dos seus revezes ou das suas vitorias, a suportar todos os sacrificios.

Como é consolador, revigorante, no meio das preocupações que desperta a hora gràve que decorre, assistir a um espectaculo em que a lealdade e o patriotismo invadem a alma portuguêsa, tornando-a grande, respeitada, forte!

Positivamente estâmos a caminho, mas a caminho de melhores dias que hão-de surgir e resplandecer após o tremendo cataclismo a que quasi todos os países da Europa estão mais ou menos sugeitos.

A sessão do Congresso

Patriotica atitude dos partidos em face dos gràves acontecimentos de que a Europa é teatro

Abriu ás 14,50 sob a presidencia do sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, a sessão na câmara dos Deputados.

As galerias, completamente apinhadas, dão á sala o tom soléne dos grandes dias.

Não ha um logar vago.

E um grande silencio, um profundo silencio é feito quando o sr. presidente da câmara, voltando-se para o sr. Bernardino Machado, lhe concéde a palavra.

Fala o chefe do govêrno

Sr. presidente—Perante a actual situação externa, na previsão de qualquer eventualidade, que imponha ao govêrno uma acção imediata, julgámo-nos obrigados a solicitar do sr. presidente da Republica a convocação deste Congresso extraordinário, para submetermos ao seu alto criterio patriotico o seguinte projecto de lei, para o qual pedimos a urgencia e dispensa do regimento para entrar de pronto em discussão:

Artigo 1.º—São conferidas ao poder executivo as faculdades necessarios para, na actual conjuntura, garantir a ordem em todo o País e salvaguardar os interesses nacionaes, bem como para ocorrer a quaesquer emergencias extraordinarias de caracter economico e financeiro.

§ unico.—O poder executivo dará conta ao Congresso, na sua primeira reunião, do uso que tivér feito déstas faculdades.

Artigo 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Sr. presidente: A nossa vida nacional é, pelas suas condições geograficas e tradicionais, intensamonte internacionalista. Daí, a repercussão que todo o abalo lá de fóra produz sempre entre nós. Mas, felizmente, graças á prodigiosa laboriosidade da nossa gente e á proba administração republicana, que tem sabido valorisa-la, éssa repercussão no dominio economico e financeiro não nos perturba porque possuimos recursos proprios bastantes para nos tranquilisarmos. E se em todas as horas gràves da nossa historia foi o povo quem impreteritamente assegurou a honra e o prestigio da Patria, mais do que nunca devêmos confiar nele, quando é ele mesmo que, sem embargo de ninguem, governa a Nação.

Sr. presidente: logo após a proclamação da Republica todas as nações se apressaram a afirmar-nos a sua amisade, e uma délas, a Inglaterra, a sua aliança. Por nossa parte, temos feito incessantemente tudo para corresponder a éssa amisade, que devéras presamos, sem nenhum esquecimento, porém, dos deveres de aliança que livremente contraímos, e a que em circunstancia alguma faltariamos. Tal é a politica internacional de concordia e de dignidade que este govêrno timbra em continuar, cérto de que assim solidarisa indissoluvelmente os votos do venerando chefe do Estado com o sentimento colectivo do Congresso e do povo português.

Vibrantes salvas de palmas acolhem as ultimas palavras do sr. presidente do ministério e entusiasticas manifestações se produzem á Inglaterra, que o povo das galerias aplaude freneticamente.

A' proposta governamental é concedida urgencia e dispensa do regimento.

A seguir o sr. *Machado Santos* dá o seu voto á proposta do govêrno, não o fazendo, porém, como incompetente parlamentar, que é, sem ferir a nota politica com odienta impertinencia.

Depois

Fala o "leader" do partido Republicano Português, dr. Afonso Costa

que diz:

Sr. Presidente:—Ouvi com a maior atenção as palavras do sr. presidente do ministério. Elas correspondem, pela sua concisão e firmeza, á gravidade do momento, e, pelo seu espirito patriotico, aos anseios de todos os cidadãos portuguêses. Ainda que não fossemos aliados da Inglaterra, e quizéssemos por isso manter uma rigorosa neutralidade perante o conflito europeu, careciamos de tomar medidas extraordinarias que assegurassem a nossa completa autonomia e prevenissem todas as perturbações internas, as sociaes como as economicas. Mas felizmente sômos aliados da Inglaterra, o nobilissimo povo que acaba de tomar a seu cargo a defêsa do direito e do progresso, depois de haver esgotado todos os meios de salvaguardar a paz entre as velhas nações da Europa, ou pelo menos de lhes delimitar os conflitos dentro dos preceitos do direito internacional. E essa aliança impõe-nos deveres que hoje já constituem para nós direitos honrosos e nobilitantes, dos quaes ninguem póde despojar-nos, porque representam a comprovação da nossa existencia como nacionalidade, a par e ao lado da gloriosa nação britanica, nossa aliada e irmã. Queremos comparticipar de seus revezes ou vitorias; estamos prontos a suportar para isso todos os sacrificios, e incitamos o poder executivo a que facilite ao país o aproveitamento dessa ocasião excepcional e unica que se lhe oferece de retemperar as suas energias e rasgar de um golpe um largo futuro progressivo, apenas pelo cumprimento de deveres dificeis mas honrosos. Em nome da maioria desta câmara, e em representação do Partido Republicano Português, eu venho depôr a nossa bandeira politica no altar da Patria e confiar sem reservas ao poder executivo, como representante da nação, todos os poderes e faculdades de que ele possa carecer para conservar solidarios e unidos todos os portuguêses, impedindo e reprimindo com a maior energia as perturbações dos desvairados que porventura ainda surjam, para levantar bem alto o prestigio da nossa nacionalidade, cumprindo com zêlo e alvoroço todos os deveres internacionaes, e para acudir por medidas oportunas a quaesquer dificuldades de caracter economico ou financeiro, oferecendo sobretudo ás classes populares a sua constante intervenção e apoio a fim de que a vida se lhes não torne angustiosa, incomportavel.

As manifestações, os aplausos repetem-se de todos os lados da Câmara e da galaria, cada vez mais electrisada com o que se está passando.

Levantando-se por sua vez

Fala o chefe do partido evolucionista, sr. dr. Antonio José de Almeida

Ouvi com atenção a mensagem que o chefe do govêrno leu á câmara e a proposta de lei que ele apresentou.

O que néssa proposta se pede ao congresso é muito, e é gràve. Não importa. O partido evolucionista pela sua parte dá quanto se lhe pede e mais daria ainda se mais lhe fosse solicitado. Se ele fizésse o contrário, não seria um partido nem de republicanos, nem de portuguêses.

E' claro que o nosso voto é consciente e autonomo e não obediente e passivo.

Se num futuro proximo ou distante, nos convencermos que o govêrno exorbita das faculdades que lhe vão ser concedidas, ou se mostra incapaz perante a gravidade das circunstancias, nós, sem hesitar, o denunciaremos á nação, como um intruso prejudicial e maléfico. O meu coração de português alegra-se, porém, ao supôr que esse facto não se dará.

E porque vota o partido evolucionista, que é um partido de oposição, tamanhas e tão complexas atribuições ao govêrno que tem combatido? Por tres razões, qual delas a mais forte. Vota-as porque a conflagração travada, que abala os alicerces da velha Europa, arrastará na sua asa de furacão os destinos da nossa terra, e não é no instante decisivo que se hão-de autorizar medidas e soluções que de antemão carecem de ser preparadas. Vota-as porque o Poder executivo mostra estar integrado na unica politica que convém á honra e aos interesses da Patria Portuguêsa, deliberando-se acompanhar a Inglaterra, a grande nação que detem o mais formidavel espolio de civilisação do passado e a França que no seu espirito sintetisa as aspirações do genio latino de que somos uma vivida e altiva parcela. Vota-as porque, se o govêrno, é nésta hora tragica, a garantia da nossa honra e dos nossos interesses, para termos o direito que não alienamos de lhe exigir mais tarde responsabilidades que poderão cobril-o de ignominia, é indispensavel conferir-lhe faculdades que o habilitem a vencer os obstaculos que o cercam.

E assim a situação do partido evolucionista é sólida e coerente. Sômos oposição *politica* ao ministério. Mas nésta hora não deve haver politica, e *patrióticamente* estamos ao lado dele para o amparar e dar-lhe força. Nada ha que possa macular o proposito honrado do nosso partido. Se ele tem combatido a orientação partidaria do sr. Bernardino Machado, nunca ele o considerou máu português, ou republicano susceptivel de traição, e é como português e como republicano que ele agora tem de representar a pátria portuguêsa.

O partido evolucionista, continúa, onde sempre tem estado e o seu gesto de agora não é mais do que um aspecto da sua atitude patriotica de sempre.

Vamos, com probabilidade, correr a sorte de batalhas. Sem duvida que o nosso desejo era beneficiarmos de uma paz fecunda, em secego continuando a laborar as nossas terras, serenamente fazendo progredir a nossa industria, em calma fomentando o desenvolvimento das nossas colonias.

Mas de importancia mediocre e fugaz é esta nossa vontade em face do desencadear dos acontecimentos.

Vamos, pois, correr a sorte das armas. Não nos entristeçâmos com isso. Se vencermos, teremos a nossa partilha na gloria que hade caber áquêles a cujo lado combatermos. Se ficarmos derrotados e tivérmos de passar o amargo transe dos vencidos, será em boa companhia, a companhia de velhos aliados e de irmãos espirituais de sempre, que havemos de sofrer as provações da derrota e do descalabro.

Seja. Não fomos nós que lançámos o cartel desse desafio de fogo que calcina os exercitos de seis povos em armas, e por mais travo que tenha para a nossa sensibilidade pacifista, a compreensão violenta do flagelo que assola o territorio da Europa, resignemo-nos em nosso desconsolo porque é ao lado da Inglaterra e da França que o sangue luzitano vai verter-se.

A nossa missão historica faculta-nos o designio bem raro e bem nobre de conjuntamente praticarmos um dever de lealdade e uma prova de amor filial. Dever de lealdade para com a Inglaterra, a velha companheira de gloria e de provações cujo vulto desde longos anos projecta conjuntamente com o nosso, sobre o solo dos combates, a mesma sombra heroica. Prova de amor filial para com a França, que nos ensinou a amar a democracia e a liberdade, e nos deu, grande mãe carinhosa, a noção esplendida da vida moderna.

O nosso gesto de pegar em armas pelas duas nações amigas, é o cumprimento de um dever que nos leva a defender o forte, nobre e glorioso peito inglês com que nos temos encontrado sempre, e nos impele para, com o nosso corpo, embora golpeado, protegermos das baionetas brutais os seios gauleses em cuja ponta chupámos e haurimos a linfa do nosso resgate espiritual.

Seja. As minhas ideias são bem conhecidas. Em discursos nésta câmara, em artigos de jornais que correm com a minha assinatura, tenho exposto as ideias do partido evolucionista que são abertamente pela aliança inglêsa. Mais do que isso: o meu partido fez desse facto um ponto basilar do seu programa aprovado no seu primeiro congresso em agosto de 1913, inscrevendo nele estas palavras memoraveis: *Afirma, emfim, que em materia de politica externa é necessario que a velha amizade com a Inglaterra se mantenha integra e proficua.*

E se agora, depois da guerra estalar, não fiz pela imprensa, afirmações ostensivas nesse sentido, foi porque, *leader* da oposição, quiz dar uma prova de solidariedade com o govêrno, só falando, depois dele, que possue os segredos das chancelarias e tem as responsabilidades da situação, haver denunciado os seus propositos. A mim, representante de um partido oposicionista, competia-me neste lance supremo, em que se joga a existencia da Patria, ser o primeiro a dar uma prova de disciplina, sem a qual não póde haver defêsa proficua.

E indo nós com estas duas grandes e admiraveis nações que até á ultima lutaram para evitar a guerra, nós ainda somos coerentes com os nossos intuitos e damos ao mundo o significado de que embora batalhando, somos pela paz, embora, cavando mais a scisão entre os homens, somos pela fraternidade humana.

Escuso de dizer ao govêrno e a quem me está ouvindo, que o partido evolucionista está disposto a tudo sacrificar em defêsa da Patria. Esta serve-se com factos e dedicações e não se lisongeia com palavras banais e estereis.

O partido evolucionista cumprirá o seu dever. Não abate a sua bandeira, mas ergue-a ao lado das outras que egualmente se levantem para conduzir portuguêses em defêsa da integridade nacional, e para com estes dar o seu esforço pela Patria que é de todos e pela Republica que para todos foi feita.

O DEMOCRATA

Como está sucedendo á maior parte de jornaes, tambem a falta de papel nesta ocasião em que está a terminar o *stock* que possuiamos, nos bate á porta. Deligenciámos já por todas as fórmas obte-lo em quantidade tal que garantida ficásse a saída do DEMOCRATA sem interrupções, mas nada conseguimos. Nem do formato habitual nem de qualquer outro tamanho pudémos, pelo menos por agora, obter papel indispensavel ás primeiras necessidades visto as fabricas nacionaes não receberem do estrangeiro a pasta que lhes falta para a producção.

Nestas condições resolvemos, não de todo suspender o jornal, mas publica-lo de quinze em quinze dias até principios de Outubro em que contâmos ter papel que nos permita normalisar a vida do DEMOCRATA.

Que os nossos assinantes nos relevem a falta, só motivada por este caso de força maior, na certêsa de que os compensaremos logo que isso nos seja possivel.

Films . . .

Rabiando

Depois de Esgueira, Aradas, depois de Aradas, Vagos. Os padres, que não reconhecem a lei da Separação, que a não cumprem e que fazem todos os possiveis por contra éla e o regimen que a promulgou malquistarem os seus paroquianos, revestiram-se de coragem e ei-los em campo exigindo, quasi, a sua completa revogação. O *Correio de Vagos*, esse, até acha que no govêrno civil se não deve tratar de taes assuntos enquanto estivér ausente o chefe do distrito! E ameaça. E fala em violencias depois de explorar com os sentimentos do povo nada parecidos com a mistificação permanente em que o trazem. O *Correio de Vagos* orgão catolico da freguezia! Em boas mãos, não ha duvida, se encontra por lá a religião. O peor é se as autoridades se atemorisam e cáem de cocoras, rendidas, deante de tão extraordinária potencia...

Até o Diabo se ria...

Ontem e hoje

Aos *Sucéssos* parece ter causado engulhos que o velho republicano Manuel Antonio da Costa, fosse eleito senador tão agoniado se mostra com a nova situação do *pasteleiro* conimbricense.

Chegou-se a isto, efectivamente—a premiar a virtude, o trabalho, a dedicação e o sacrificio. Ao contrario do que noutros tempos sucedia em que só se distinguiam os endinheirados que pagassem essas distinções.

Embora fossem autenticas cavalgaduras.

Deveres conjugaes

Lêmos algures que ha uma antiga lei em vigor numa parte da Baviera, segundo a qual todo o marido que bata na mulher, sem motivo gràve para isso, apanhará imediatamente tres bastonadas da mão de dez visinhos.

Se a mulher, porém, dér motivo a ser espancada e caso o marido não queira estar com a massada de lhe amolgar as costelas, chama o mesmo numero de visinhos e estes aplicam-lhe duas bastonadas cada um.

Graças a esta lei, acrescenta o jornal donde extraímos a noticia, entre os esposos daquéla região reina sempre a mais perfeita harmonia.

Pudéra não...

ACTO

Na Universidade de Coimbra completou ha pouco o segundo ano de medicina, o nosso conterraneo e amigo José de Mélo Cardoso, tão aplicado estudante como distinto nas qualidades que lhe exornam o caracter.

Muitos e sincéros parabens.

Por conveniencia de paginação vai na segunda pagina a noticia desenvolvida sobre a excursão de Coimbra.

Fala, pela União Republicana, o sr. dr. Brito Camacho

Em meu nome e em nome dos meus amigos politicos que são deputados, dou o meu voto, sem restricções, ao projecto de lei apresentado pelo govêrno. E pois que a União Republicana sempre confundiu os seus interesses de partido com os interesses nacionaes, nesta hora incerta, e porventura gràve, não tenho que modificar a minha atitude, cumprindo-me apenas declarar que para todos os trabalhos e sacrificios, hoje como ontem, estou ao serviço da Patria.

O sr. *Manuel José da Silva*, em nome do partido socialista, dá tambem o seu voto ao projecto do govêrno, conquanto lamente que se não tivésse podido evitar semelhante hecatombe.

Por ultimo, o sr. *Bernardino Machado*: E' comovidamente que, em nome do govêrno, aceito o mandato que acaba de nos ser confiado. Para o seu desempenho, o govêrno procurará sempre estar em perfeita comunhão com os representantes da nação, com o Congresso, apoiando-se sempre na vontade do mesmo e portanto na vontade do país.

Viva a Republica!

O que se passou após este final da sessão, só visto. De todas as partes da vastissima sala e num delirante entusiasmo os vivas á Republica, á Inglaterra, ás nações aliadas e á França são ininterruptos, as ovações cheias de calor e entusiasmo.

A Patria é saudada com delirio e as nações da *triple entente*, o Exercito e a Marinha, estrondosa, freneticamente vitoriadas.

A' saída dos chefes politicos e dos membros do govêrno, de S. Bento, as manifestações produzem-se de novo nas ruas, unanimes e sentidas á Republica como á Inglaterra, á França, á Russia, etc., podendo-se afirmar que poucas vezes a alma do povo tem vibrado com tanta fé e ardor, como na sexta-feira da semana finda.

Oxalá aqueles a quem estão confiados os nossos destinos o não esqueçam jámais.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 55$00 o vagon.

VIDA MILITAR

Efectuou-se no domingo no quartel de cavalaria 8, em Sá, a ratificação do juramento de bandeira pelos recrutas daquele regimento, fazendo uma alocução intensamente patriotica o tenente Palma e Paiva.

Houve melhoria de rancho e á noite iluminou a fachada do quartel.

=O contingente de cavalaria, que terminou no dia 12 o seu periodo de serviço activo, foi já licenciado na fórma dos anos anteriores.

=Partiu hoje ás 6 1|2 horas para a carreira de tiro da Gafanha o regimento de infanteria 24 na sua maxima força e acompanhado da respectiva banda.

O trajecto é feito pela Barra e Costa Nova, onde atravessará a ria, para regressar, á noite, por Ilhavo.

=De harmonia com as instruções dimanadas do ministério da guerra não se realizam este ano os exercicios de repetição que deviam ter logar no mez proximo, sendo nesse sentido avisados por meio de editaes todos os que neles tinham obrigação de tomar parte.

Gente amiga

Aveiro e Coimbra

A grande excursão de domingo

Vem a manhã rindo
Nos lábios da aurora!

De facto, a alvorada de domingo desabrochava em fluvios de luz, suave e palida, precedendo os raios solares que vieram encontrar nos ultimos preparativos para a recepção dos excursionistas de Coimbra quasi a totalidade dos habitantes da cidade, que bem evidenciavam a alegria que lhes despertava a aproximação da hora feliz em que os laboriosos e honrados filhos de Coimbra estariam entre nós.

As musicas percorrendo as ruas davam antecipadamente a nota de vibrante entusiasmo que se esboçava em todos os rostos e em todos os logares.

Muito antes das 9 horas principiou uma verdadeira romaria para a estação do caminho de ferro encontrando-se ali a câmara municipal com o seu estandarte, bombeiros, comissões politicas, imprensa, representantes de todas as associações locaes, algumas com os seus estandartes, asilo com a sua fanfarra, filarmonica dos Bombeiros Voluntarios assim como a de José Estevam, e uma enorme multidão anciosa por saudar os ilustres visitantes prestes a chegar.

A's 9 e pouco um silvo agudo desperta a atenção de toda a gente que logo irrompe numa estrondosa salva de palmas, erguendo vivas estrepitosos, correspondidos já pelos que chegam e que, evidentemente satisfeitos, desembarcam das numerosas carruagens que numa fila interminavel se estendem em frente á *gare*.

Estrondeiam formidaveis morteiros ao mesmo tempo que milhares de foguetes atordoam os ares e as musicas, juntamente com mais duas que chegavam, a Figueirense e 10 de Agosto, da Figueira da Foz, numa totalidade de cinco, executam a marcha *Coimbra-Aveiro* numa vibração verdadeiramente atroadôra avolumado com os vivas que centenares de bocas soltam, com as palmas que milhares de mãos batem!

Foi um verdadeiro momento de manifesto delirio, que avassalou, empolgando todos quantos ali se encontravam!

Trocadas as primeiras saudações, organisou-se o cortejo, extraordinario e unico, como em igualdade de circunstancias, estâmos cértos, não tornaremos a vêr, não só pela quantidade de excursionistas—1680—mas ainda pelo notavel numero de pessoas que aguardavam a sua chegada, juntando-se á massa dos visitantes.

Basta que digamos que a rua da estação, em toda a sua notavel largura e extensão ficou repleta.

No prestito tomavam parte, com as suas bandeiras, a Associação dos Gazomistas de Coimbra, o Coimbra-Centro, a Associação dos Ceramistas, a Associação dos Funileiros, o Ateneu Comercial, a Associação dos Pintores, a Associação dos Alfaiates e Costureiras, a Associação dos Fabricantes de Calçado, a Associação dos Manipuladores de Pão, a Associação dos oficiaes de Barbeiro, o Gremio Operario, deputações dos bombeiros voluntarios e municipaes e as cinco bandas de musica o que tudo formava o mais surpreendente conjunto.

Entre estrondosas aclamações, que eram constantes, de muitas janelas foram, durante o percurso, lançadas flores sobre os excursionistas, vendo-se algumas delas ornadas com colgaduras e bandeiras. Para corresponder á galhardia, distribuiam os conimbricenses pelas senhoras grande profusão de poesias impressas em lindos cartões, dentre as quaes destacâmos as seguintes:

Coimbra-Aveiro

(9-VIII-914)

Salvé, formosa cidade
A ti a nossa homenagem!
Loucos de amor e saudade
Vimos, em grata romagem,
Erguer preito de amisade.

A' gentilêsa rendidos
Vimos alegres saudar-te;
E á despedida, ao deixar-te
Iremos, todos unidos,
Rezando muito baixinho
O penhor do teu carinho.

Confraternisação

Enquanto as grandes potencias
Se batem desumanamente,
Desrespeitando toda a gente
Esquecendo clemencias,

O povo de Coimbra e Aveiro
Unido numa só aspiração,
Fraternisará como irmão
E da paz, será o pregoeiro.

Do Mondego um beijo quente
Endereçado ao Vouga profundo,
Resultará belo e fecundo

O amor terno e fervente
Mostrando ao aguerrido mundo
Que, se caminha... é erradamente!

Coimbra, 9-8-914.

(Homenagem dos empregados das oficinas de Alberto Viana)

A AVEIRO

(Saudação)

Partimos de Coimbra e no partir risonho,
Um poeta abalou distanciando a alma,
E a viola gemeu, sonhando um lindo sonho,
Bordado num cantar duma caricia calma.

Era a visão da lenda, uma visão secreta
Da princeza dormindo enlaçada p'lo mar,
Arfando o peito branco, ideal violeta,
Com beijos desejada e branca de luar...

Cidade de legenda e ar que purifica,
Fundidos no sentir dum fado em ré menor,
Viemos abraçar-te a decorar a musica
Dum sonho de luar, dum canto gemedor!

Quimerica visão de noite embaladora,
As almas são, talvez, como os rosaes em flôr;
E nossos corações, cidade acolhedora,
Veem unir-se ao teu em meigo chão de amor!

Terra de Portugal, de magicos recantos,
E graças femenis, com nossa voz sonora,
Saudamos teu perfil, Aveiro toda encantos,
O' formosa visão a quem o mar se chora!...

9-8-914

(Homenagem dos empregados das oficinas de Alberto Viana)

Saudando Aveiro

Foge o Mondego a cantar...
Corre o Vouga com fervor...
Junto os dois lá no mar
Trocam seus beijos de amor.

Somos dos rios a imagem...
Neste viver tão fagueiro
De Coimbra vindo em romagem
Saudar os filhos de Aveiro.

9-8-914.

(Homenagem dos empregados das oficinas de Alberto Viana)

AVEIRO:

Ao chegar, logo pensámos
Quando a vista descançámos
Na torvação da Cidade:

—«Que linda e moça esta Terra!
Luz e Sonho, tudo encérra,
Ai, sim, de nós e não d'Ela!

E scismamos: e lembramos...

Havemos de ter Saudade
D'Aveiro, Cidade bêla!

Coimbra, 9-8-914.

Saudação ao Povo de Aveiro

A Mocidade em sorrisos
Que é de todos o enlêvo...
Vem trazer-vos saudações
Da cidade do Mondego.

9-8-914.

Coimbra a Aveiro

9—8—1914

As Ninfas do rio
Que banha, em socego,
As ribas d'Aveiro,
São as do Mondêgo.

Romeiros em festa,
Nós vimos saudar
Aveiro do Vouga
Aveiro do Mar.

A terra formosa,
A linda cidade,
Levando, ao partir,
No peito, a Saudade.

A's filhas d'Aveiro

Olhos de treva e de sonho,
Olhos lindos d'encantar,
Aqui viemos p'ra ver-vos,
Deixae, deixae-nos olhar.

Deixámos longe o Mondego
Meigo e triste a suspirar
P'ra ver das filhas d'Aveiro
O fulgor do lindo olhar.

O' dia corre mais lento
Que nós queremos ficar
Amando uns olhos de sonho
Que nos hão-de enfeitiçar.

Nós somos uns caminheiros
Errantes a peregrinar;
Dae-nos senhoras gentis
O brilho do vosso olhar.

Nossas almas querem luz,
Querem uns olhos p'ra amar;
Esses olhos porque sonham
Aqui os veem buscar.

Que os olhos das Aveirenses,
Olhos de treva e luar,
São os mais lindos da terra
Dão-nos vida em cada olhar!

Coimbra, 9—VIII—914.

Um grupo de Empregados no Comercio

A' entrada da antiga rua da Costeira, sem duvida uma das principaes arterias da cidade, fez o prestito uma paragem para o descerramento da lapide com a inscrição *Rua Coimbra* que o municipio ali mandou colocar como homenagem á cidade do Mondego.

Nessa ocasião, o digno presidente da comissão executiva municipal, nosso amigo Bernardo Torres, fala desta maneira:

O Municipio de Aveiro, a cuja comissão executiva presido, entendeu que devia perpetuar a visita com que o laborioso povo de Coimbra se dignou honrar esta cidade dando a uma das suas principaes arterias o nome de *Rua Coimbra*.

Bem modesta é, sem duvida, esta homenagem, mas no seu alto significado ela traduz a imensa simpatia que aos aveirenses inspira a nobre cidade do Mondego com a qual desejamos estabelecer uma sólida corrente de mutuos afectos.

Recordando por esta fórma a todos os momentos a vossa visita, queremos corresponder á requintada gentilêsa com que ha pouco Coimbra soube receber o povo de Aveiro, honrando assim, mais uma vez, as suas nobres tradições de cavalheirismo.

E bem honrosa é tambem para nós esta visita.

Atravez de todos os tempos tem sido Coimbra, por assim dizer, o orgão permanente do país.

Da sua Universidade, que muitos aveirenses ilustres cursaram, hão saído todos aqueles que teem dirigido os destinos do país.

Dentro dos seus muros alberga-se uma população laboriosa onde ha poetas sonhadores; e até atravez os seus carateristicos descantes populares nós podemos admirar a alma de artistas que um meio intelectual por excelencia a pouco e pouco formou e alimentou.

Aveiro e Coimbra estão ligadas por conhecidas tradições de liberalismo.

Joaquim Antonio de Aguiar e José Estevam Coelho de Magalhães, que são a nossa maior gloria, se estavam unidos pelo cerebro, pelo coração ligaram os dois povos que se não esqueceram de perpetuar a sua memoria, apontando-os ás gerações futuras como gloriosos simbolos de nobrêsa e patriotismo.

Mas esta excursão tem ainda um outro significado.

Ela demonstra a heroica serenidade de que nos transes mais aflitivos para a nacionalidade portuguêsa o nosso povo tem dado exuberantes provas.

E' grande a crise que no atual momento atravessa a Europa; mas não se julgue contudo, que atravez as delirantes saudações que conimbricenses e aveirenses acabam de trocar se esquece um momento que seja a Patria Portuguêsa que talvez vá agora escrever mais uma pagina gloriosa da nossa historia.

O povo de Aveiro e o povo de Coimbra, afirmando a sua mutua simpatia, entusiasticamente saúdam Portugal!

Convidado o ilustre vice-presidente da câmara de Coimbra, sr. dr. Antonio Leitão, a descobrir a lapide sobre a qual se achava a bandeira nacional, é belo e assaz comovente o entusiasmo que de todos se apodera. As musicas executam a *Portuguêsa*, no ar estoiram milhares de foguetes, resôam palmas estridentissimas, erguem-se vivas ás duas cidades amigas, atingindo as manifestações, por vezes, um verdadeiro delirio.

Em seguida e debaixo duma verdadeira chuva de flores, dirigiu-se o cortejo ao edificio da câmara.

Ali foram dadas as boas vindas aos excursionistas pelo presidente do senado, sr. dr. Brito Guimarães, que num curto mas eloquente improviso, saudou, em nome de Aveiro, os que de Coimbra, mais uma prova davam da sua velha e sincéra estima e simpatia por todos nós.

Alude ao momento historicamente tragico que atravessamos e crê bem que os povos de ambas as cidades estão integrados nos destinos da Patria.

Termina erguendo um viva a Coimbra, que é correspondido por toda a assistencia.

Segue-se-lhe no uso da palavra o sr. dr. Antonio Leitão, que produz um magnifico discurso, interrompido constantemente por aplausos unanimes da assistencia.

Depois de dirigir calorosas saudações ao povo aveirense, diz que a visita daquele dia era alguma cousa mais do que um vivo protesto de mutua simpatia entre as duas cidades. Ela traduz antes a firme resolução dos seus filhos em se identificar por absoluto com a sua Patria, neste gravissimo momento em que o govêrno tem de executar um programa genuinamente patriotico e republicano!

Concluindo, oferece á câmara de Aveiro, em nome da comissão promotora da excursão, um belo trabalho feito em gêsso e no qual se vê os escudos das duas cidades envolvidos numa larga fita em que se lê, a dourado, esta dedicatoria —*Coimbra á cidade de Aveiro— 9-8-1914*.

Formidaveis aplausos cobrem as ultimas palavras do dr. Antonio Leitão e centenas de bocas correspondem aos vivas que por ele são erguidos a Aveiro, á Patria e á Republica!

O sr. dr. Carlos Dias, como representante da *Sociedade de Propaganda e Defêsa de Coimbra*, tambem saúda Aveiro, e historiando os trabalhos e esforços feitos pela referida sociedade, alguns deles em proveitosa aproximação das duas cidades, termina por fazer votos que em Aveiro se funde uma sua congenere pois com muita satisfação viria aqui com alguns seus colegas no dia em que difinitivamente se instalasse.

De novo fala o sr. Brito Guimarães que tem palavras de sincéro agradecimento pela valiosa e artistica lembrança da organisadores da excursão, cuja grandiosidade jámais se apagará do espirito dos aveirenses. Remata a sessão erguendo vivas a Coimbra e á Patria, entusiasticamente correspondidos pelo numeroso auditorio que por completo enchia a sala.

As musicas, no Largo da Republica executam as melhores marchas do seu reportorio e os foguetes não deixam de estralejar. Entrementes, no pedestal da estatua de José Estevam são dispostos vários ramos de flores naturaes assim como uma grande e magnifica corôa da mesma especie. Esta tem a seguinte dedicatoria:

A' memoria do grande tribuno

José Estevam

«Na historia da humanidade, como nos poemas dos acontecimentos que exaltam a sociedade, apontam-se nomes que ficam para sempre gravados nas paginas da historia, como fachos luminosos a guiar as gerações para a prática do bem.

* * *

Esses nomes nunca esquecem, vivem sempre: José Estevam pertence ao numero dos grandes humanitarios, dos grandes heroes, dos grandes paladinos da liberdade...»

Homenagem do *Coimbra-Centro*

9-8-914.

Num daqueles, via-se o seguinte bilhete:

Coimbra-Aveiro

A Associação de Classe dos Manipuladares de Farinhas, Massas e Bolachas de Coimbra

Abraça fraternalmente os seus companheiros trabalhadores e saúda em geral o nobre povo de Aveiro, a cidade do imortal tribuno José Estevam.

Coimbra, 9-8-914.

Ainda na câmara, tanto o sr. dr. Brito Guimarães como outras pessoas tivéram ensejo de conhecer e felicitar o autor do magnifico trabalho a que acima aludimos, o sr. Francisco Antonio dos Santos, filho, artista conimbricense de reconhecido merito, que foi efusivamente felicitado.

Cêrca das 14 horas teve logar o numero do programa a cargo do *Recreio Artistico* e que consistiu num passeio fluvial á Gafanha.

Mais de 20 grandes barcos, acompanhados duma infinidade doutros de vários tamanhos e feitios, largaram á hora indicada, do caes, que nesse momento nos apresentou um golpe de vista verdadeiramente surpreendente. Pela estrada seguiam-nos dezenas de carros, automoveis e bicicletas o mesmo sucedendo á volta da viagem, que se fez sem o mais leve incidente, ao som das musicas e no meio da maior alegria.

Pelo meio da tarde as ruas de Aveiro apresentavam um bulicio extraordinario, continuando a ser muito visitados o Museu Regional e outros edificios que se conservavam abertos. O jardim teve tambem larga concorrencia assim como vários pontos dos arrebaldes, entre os quaes a Barra e a Costa Nova.

Na Praça da Republica tocou das 21 horas em deante a banda de infanteria 24, começando ás 22 e meia a organisar-se a *marche aux flambeaux* em frente ao *Recreio Artistico* para acompanhar á estação os excursionistas.

Foi tambem deveras entusiastico e imponente esse cortejo a que dava bastante realce as duas corporações dos bombeiros voluntarios, empunhando archotes, e que eram seguidas de centenares de pessoas que á *gare* iam dizer adeus aos nossos hospedes por tantos titulos apreciaveis.

O atraso do *rapido* prejudicou, porém, algum tanto a despedida pois que, interpondo-se entre a *gare* e o comboio dos excursionistas, este partiu, ficando assim privada a enorme multidão que se apinhava do lado de cá da estação de manifestar uma vez mais a sua simpatia pelos dignos representantes da nobre cidade de Coimbra.

Os poucos que se encontravam na segunda *gare* poderam, no entanto, prestar essa homenagem aos filhos da Lusa Atenas e dizer-lhes que desta visita, bem mais significativa do que aquela ha 8 anos realisada, ficou em todos os corações dos aveirenses a viva saudade que poderosamente mais estreita e confunde as intimas relações que no mosmo sentimento aproxima e identifica o brioso e patriotico povo das duas cidades.

Como no numero passado, nós repetimos hoje:

Viva o povo de Coimbra!

Várias notas

Na Gafanha foi *servida* a bordo do barco que conduziu a comissão promotora da excursão, uma deliciosa *caldeirada* durante a qual se trocaram afectuosos brindes entre os convivas a mór parte deles comissionados pelas associações conimbricenses onde se tratou da visita a esta cidade.

* * *

Tambem em casa do nosso amigo sr. Francisco Pinto de Almeida, conceituado ourives e presidente da *Sociedade Recreio Artistico*, têve logar um abundante *copo de agua* em que, indistintamente, tomou parte numero avultado de excursionistas e alguns individuos das suas amistosas relações.

Nésta festa, de caracter intimo, muitas foram as saudações dirigidas aos conimbricenses, recebendo o sr. Pinto de Almeida e sua esposa, como não podia deixar de ser, irrefragaveis provas de reconhecimento pela sua cativante gentilêsa.

* * *

Apesar de rigorosas providencias terem sido postas em vigor pela autoridade competente para evitar abusos por parte dos hoteis, restaurantes, casas de pasto, alquilarias, etc., sabemos que ainda assim eles se deram e que verdadeiras explorações se cometeram com descredito para a terra e justos reparos dos nossos hospedes. Mas é necessario acentuar: a autoridade cumpriu o seu dever. Fez quanto poude para que os excursionistas não tivéssem razão de queixa. Mais não podia fazer e estamos por cértos que se lhe fosse dado conhecimento directo desse inqualificavel procedimento, os seus

autores não ficariam impunes tanta era a vontade de que ninguem daqui partisse mal impressionado com a hospitalidade dos aveirenses.

Sucedeu, porém, que nenhuma participação chegou ao comissariado de policia e de aí só resultar este nosso protesto como satisfação áqueles que, honrando-nos com a sua visita, não vieram para ser explorados e muito menos roubados.

Ainda bem que de Aveiro não são os que tivéram semelhante ousadia.

Ainda bem.

* * *

A lapide com a inscrição—*Rua Coimbra*—foi executada na oficina de canteiro dirigida pelo nosso patricio e amigo Antonio Freitas, que, não tendo tempo para mais, apresentou um trabalho simples mas de gosto.

* * *

Não podemos deixar sem reparo que a câmara não tivésse providenciado de modo que a iluminação dos Paços do Concelho deixasse de ser o que foi—simplesmente pessima.

Ou por falta de pressão no gaz ou porque este é ordinarissimo, o que se deu no domingo, por de mais censuravel, é preciso que não volte a repetir-se, afim de que os creditos da companhia e o zêlo da vereação não deem pasto á critica causticante de que foram alvo.

Uma vergonha para a terra o fiasco da iluminação do edificio municipal.

* * *

O Museu Regional, que teve larga concorrencia de visitantes, foi imensamente admirado, com especialidade a sala onde se encontra exposta a riquissima colecção de endumentaria religiosa e que é uma das mais completas existentes no país.

Não ha duvida que constitue um grande melhoramento com que a Republica dotou a nossa terra.

* * *

Com o titulo *Coimbra-Aveiro*, publicou-se um numero unico no qual além da variada colaboração que encerra se vê na primeira pagina um retrato de José Estevam e a seguir a reprodução do monumento a Joaquim Antonio de Aguiar, erecto á Portagem, em Coimbra.

E' propriedade do sr. Jeronimo Pereira da Silva e editado por Joaquim Loio.

PELA IMPRENSA

Suspendeu temporariamente a sua publicação em virtude da falta de papel com que lutam as emprezas jornalisticas, o nosso brilhante colléga de Lisbea, *O Povo*, que espera, contudo, reaparecer dentro em brève.

Assim o estimâmos tambem.

=Porque é bastante percario o estado de saude do sr. Eduardo Arvins, seu director, suspendeu egualmente a *Tribuna Livre*, de Sever do Vouga, e que contava já quatro anos de existencia.

=Passou o aniversario da *Folha de Trancoso*, orgão republicano defensor dos interesses locaes.

Os nossos parabens.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

AGOSTO

DIAS	PHARMACIAS
9	REIS
16	MOURA
23	LUZ
30	RIBEIRO

Viagens a preços reduzidos

O *Grupo Excursionista dos Solidos*, com séde em Lisboa, promove por ocasião das tradicionaes festas a S. Paio da Torreira uma excursão a Aveiro, Estarreja e Porto, devendo a partida da capital efecfuar-se no dia 6 de Setembro e o regresso por qualquer comboio ordinario até ao dia 12 do mesmo mez.

Os preços são de 3 escudos em 3.ª classe e 4 em 2.ª, ida e volta.

A cultual e o administrador de Oliveira de Azemeis

VI

No dia 20 de Outubro de 1912 e na freguezia de Cezár, deste concelho, realisou-se um pequeno comicio anti-clerical e republicano, onde discursou o sr. Fernão de Lencastre, a esse tempo já administrador do concelho. A presente situação vergonhosa, que amortalha uma alma asentimental e alimenta um corpo de estomago devorador das economias dum povo ignorante e ingenuo, faz-me recordar o tema desse discurso do sr. administrador nas suas mais frisantes passagens e destacame, em significação sugestiva, a hora a que iniciou o seu discurso e o tempo durante o qual *dos seus labios esteve preso o auditorio*. Esse comicio abriu-se ás 14 horas e o sr. administrador do concelho principiou a falar ás *quinze* e durante *doze* minutos.

O tema versado pelo sr. Fernão de Lencastre foi a Lei da Separação. Esta autoridade administrativa afirmou *que esta lei é uma das leis basilares da Republica Portuguêsa e que todo o bom republicano, que forçosamente se tem de interessar pela emancipação do nosso povo e pelo progrssso do nosso país, impõe-se-lhe o dever de mostrar ao ignorante as vantagens dessa lei e de fazer cumprir, atravez de todas as pressões e ameaças, a materia dos seus artigos. Quem recuar perante a campanha de odios, que os inimigos das instituições movem contra a Lei da Separação, escutando ameaças e bajulando influencias, é um cobarde que nãa defende os seus ideaes, é um falso republicano.*

Foi com verdadeiro jubilo que ouvi essas declarações, porque julguei que eram ditadas por um coração republicano num momento de verdadeira sinceridade. O meu amôr á Republica anotou-as com sentida alegria, pois eram feitas perante o povo a instruir e pela autoridade administrativa da mais alta categoria deste concelho.

Vi nas suas palavras um programa da sua obra administrativa de execução imediata e cérta.

Como eu era então um ingenuo e como o sr. administrador do concelho era por mim considerado! Olhava para esse corpo como a morada modesta duma alma grande! Senti, ao ouvir as suas declarações, uma dôr de arrependimento por um dia me ter acudido a ideia de que ele era um intrujão sem valor, um arrangista desacreditado e sem habilidade, masd uma teimosia de esfomeado a longo praso. E se ao terminar essa peça oratoria o não abracei, é porque as nossas relações estavam um pouco doentes. No entanto, minha alma aplaudia-o com todo o entusiasmo dum crente, abraçando a mesma fé, comungando no mesmo Ideal.

Puro engano! Triste desilusão! Os factos posteriores e realisados em curto intervalo demonstraram-me que o sr. de Lencastre era esse homem com essa alma que as minhas primeiras impressões me haviam esboçado; convenceram-me de que o arrependimento do *dia 20 de Outubro de 1912* foi uma fraqueza de excésso de sentimentalidade ocasional.

O despreso pelas leis republicanas; a ignorancia forçada á face do atrevimento das investidas reaccionarias e monarquicas; a entrega velhaca de bons republicanos aos antigos caciques que hoje ainda amamentam os seus rebanhos no mesmo redil, pelos mesmos procéssos; a protecção escandalosa aos que guerream as instituições atuaes e injuriam os nossos homens em destaque, indo até aos chefes do partido em que dizem militar; as intrugices de ampliação de adesões e de numeros eleitoraes chegando ao descaramento de afirmar pelos gabinetes superiores que o concelho de Oliveira de Azemeis era todo democratico, á excepção duma freguezia e que o tinha tão seguro como um pequenino objecto apertado na sua mão; a surdez completa aos gritos de perseguição aos republicanos que teem a coragem de resistir ao autoritarismo dos defensores do trôno, hoje na sua grande maioria aliados oratorios da selvagem Alemanha; a inconfidencia de descobrir aos inimigos das instituições os vigilantes das suas manobras esperançosas de restauração, unicamente para captar simpatías e subir muito alto, tudo isto, ligado á grande dependencia monetaria e de dignidade, me veiu arrancar á triste e fria realidade, me veiu gritar aos ouvidos que o sr. administrador do concelho era um faminto mandrião que, para viver vida regalada e de fidalgo sem solar, se vestiu de republicano, abafando entre o verde e encarnado a sua alma de jesuita, os seus sentimentos de... de Lencastre.

E a questão da Cultual que atualmente se debate, é a prova real, a documentação insofismavel de tudo isto, que é muito baixo, que é muito réles. Já os proprios monarquicos e reaccionarios o afirmam, declarando que o sr. administrador do concelho está ao lado deles e pedindo com todo o empenho que o sr. de Lencastre continue á frente da administração deste concelho, empurrando, com a sua força de relações e conveniencias pessoaes, para o arranginho, homens que por mais duma vez confessaram que era uma necessidade dimitir semelhante autoridade, visto ela não ter a dignidade de saír por si. Faz-me lembrar, em trajos de serrano pobre, a *mis-en-scéne* de Homero de Lencastre, de quem, pela terminação fidalga, talvez dependa em anamnesia familiar.

Mas dirá, com espanto, o leitor: quem o faz praticar todas essas falcatruas de honradez e civismo? O poderio dum director jornalistico, a influencia do meio saletino, a inércia do seu caracter e o leite da sua... *ama*. Sim, pois tão pouca vida só se póde conservar, por tão longo tempo e tão refeita, com alimentos desta superfina qualidade. Mas que lhe fuja a *ama*, esse *barbado magriço* que dá pelo nome de Barbosa de Magalhães, filho do pae do mesmo nome e neto de Manuel Firmino, bem conhecidos neste meio londrino pelas suas proêsas e vêr-se-á que de nada valem o *comercio* e a *comissão patriotica*. As suas faces mirram-se; os seus olhos afundam-se; os seus bolsos rompem-se e a sua voz, de general comandante, escapa-se em ventriloquo quasi imperceptivel. E' o *magriço* que o sustenta na sua decadencia com escoras monarquicas e repugnantes e não o prior da confraria com os seus *valientes* guardas... de portão fechado...

* * *

Comparando as frases do *discurso do dia 20 de Outubro de 1912* com os seus actos posteriores e já aqui expostos, em toda a obra do sr. Fernão de Lencastre não se descortina um só traço de um plano de reconstrução; apalpa-se a continuação da obra nefasta dos desnacionalisados monarquicos. A vida publica do sr. administrador é um calhamaço de poucas-vergonhas. Mas o trabalho continua e o resto, que terá por titulo —*ultimo suspiro dum velhaco e dum usurpador* — hade chegar quando quizer cumprir o decreto ultimo sobre cultuaes.

Como é que um homem destes—desculpe se o ofendo—hade fazer um inquerito rigoroso, se é inepto em frente dos conhecimentos e um esfarrapado pobreta em frente da moralidade?

12 | 8 | 914.

Lopes de Oliveira
(Medico)

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

UM PERFIL DE JOSÈ ESTEVAM

—=(*)=—

Fui um dia a S. Bento.

José Estevam tinha a palavra.

Aquela figura elegante, gentilissima, arrebatadora, ficou-me gravada no espirito, tão fundamente, que me parece esta-la vendo agora diante de mim.

O cabelo fino, basto, anelado, castanho escuro, povoava-lhe a cabeça de vinte e sete anos, bela e correcta como uma obra de arte nos dias aureos da Grecia, ou nos prodigiosos dias da Renascença. A barba longa, não demasiado espessa, de uma tinta mais clara que a dos cabelos, apartava-se na ponta do queixo, semelhante á barba de Cristo nos quadros de Van Dick.

O rosto pálido; nos transportes da palavra, ora enfiava, como se o sangue parasse na circulação, ora se lhe tingia de purpura. O nariz, levemente aquilino, completava a graça e correcção do perfil.

As azas do nariz vincavam-se e pareciam palpitar quando o paixão o inflamava. Medindo o adversario, antes de lhe disparar a apostrofe fulminante, a cabeça erguia-se e conservava-se na imobilidade ameaçadora do nebri pairando subitamente nos ares antes de saltar sobre a presa.

Os olhos pequenos, vivissimos, faiscavam como dois relampagos. A boca era cortada com franquêsa para acudir rapida á transmissão do verbo fluentissimo. A estatura elevada; o peito bombeado e amplo; o pescoço forte, resaindo dos hombros largos, e proprio para auxiliar os movimentos leoninos da cabeça energica.

Proporcionadissimas todas as partes de sua estatura. As mãos finas, o gesto de inspirado; a voz com inflexões meigas, terriveis, pateticas, suavissimas, apaixonadas, arrebatadoras! José Estevam naquela idade, com o batismo do exilio e o batismo do campo da batalha, aceso no amor da liberdade e ferido com o amor da mulher, iluminado pelo genio, encarando um horisonte sem termo, advogando a causa da humanidade com a boca livre e os pulsos desapertados das algemas da tirania, coberto de palmas, nadando em gloria, como um dia de abril nada em sol, era a realisação na terra da maxima felicidade a que póde aspirar o homem.

Eu não sabia o que eram *câmaras*, nem *deputados*, nem o que significavam as palavras *discursos* e *eloquencia*; não compreendia o que José Estevam dizia, mas não podia tirar os olhos daquele homem singular, e na minha alma infantil ficou gravada por muito tempo a sua imagem como uma cousa extraordinaria!

Tal é o poder do genio.

Assim escreveu um dia Bulhão Pato daquele que, sendo legitima gloria desta terra, ha 25 anos, fê-los ante-ontem, possue, na Praça da Republica, um monumento erecto pelos seus conterraneos e admiradores, perpetuando a sua memoria.

Que o 12 de Agosto de 1889 recorda o pagamento duma grande divida, duma sacratissimo divida dos aveirenses, di-lo ainda o alto espirito do mimoso poeta nas poucas palavras que aí ficam e nos servem hoje para comemorar a data que por principio algum nos podia passar despercebida.

* * *

Por iniciativa da banda dos Bombeiros Voluntarios, que á noite percorreu as ruas da cidade tocando o hino do glorioso tribuno, foram queimadas tambem algumas girandolas de foguetes e engalanado o pedestal da estatua com bandeiras e trofeus a isso se limitando o aniversario da sua inauguração.

Mas bem hajam os briosos rapazes pela lembrança que tivéram.

Notas mundanas

Regressou das termas de S. Pedro do Sul á sua casa de Nariz, o sr. Francisco Valério Mostardinha.

=Deu á luz uma creança do sexo feminino, a esposa do dr. Carlos Alberto Ribeiro, velho amigo nosso, a quem felicitâmos.

=Vindo do Congo Belga, chegou á sua casa de Anadia, o sr. Antonio Rodrigues de Moura, que do nosso presado amigo Antonio Madail foi portador das melhores noticias.

Afectuosamente o cumprimentâmos.

=Está em Vizela o sr. Manuel Barreiros de Macêdo, conhecido industrial e membro da comissão executiva do municipio.

=Tambem ali se encontra o sr. Luiz da Fonseca Nunes, empregado farmaceutico no Porto.

=Veio a Aveiro o sr. Fernando Ramos Pereira, de Espinho.

=A' sua casa da Oliveirinha e com algum tempo de demora, chegou de Lisboa o sr. Benjamim Marques Diniz, acreditado industrial.

=Efectuou-se na segunda-feira o registo de casamento do sr. Sebastião de Lemos Magalhães Lima, filho do sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, com a sr.ª D. Maria da Conceição da Costa Azevedo, prendada e galante filha do capitalista José da Costa Azevedo, já falecido, e de sua esposa a sr.ª D. Rosalina Augusta da Costa Azevedo.

Assistiram á cerimonia, assinando como testemunhas o auto, além dos paes dos noivos, os srs. dr. Jaime Duarte Silva, dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, dr. Lourenço Peixinho e Padre Manuel Rodrigues Vieira e as sr.as D. Maria do Cardal Magalhães Lima e D. Maria Leocadia Magalhães Lima.

=Visitaram-nos os srs. Eduardo Fonseca e Adelino Landureza, de Oliveira de Azemeis.

=E' esperado ámanhã nésta cidade, o nosso querido amigo José de Souza Lopes, que ha dias chegou a Lisboa vindo de Benguela.

Antecipamos-lhe um apertado abraço.

=Na Conservatoria do Registo Civil têve ontem logar o consorcio do sr. Manuel Marques Arsenio, filho do sr. Antonio Marques Arsenio e de sua esposa, Tereza de Jezus, com a menina Maria da Silva, filha de Sebastião Rodrigues Conceição e de Maria da Silva, todos da Oliveirinha.

Assistiram ao acto, além das sr.as Rosa da Silva e Rosa de Jezus Figueira, os srs. Benjamim Marques Diniz e Manuel Rodrigues Conceição, que serviram de testemunhas, retirando os noivos á tarde para a terra da sua naturalidade onde fixam residencia.

Desejâmos-lhe todas as venturas.

Ainda a conflagração europêa

Como os acontecimentos se precipitaram

O que se passou desde que a Austria mandou o seu "ultimatum„ á Servia

E' curioso, neste momento, apontar as datas dos principaes acontecimentos da guerra para se vêr a precipitação e a rapidez com que o conflito tomou as proporções colossaes que o rodeiam hoje:

20 de julho—M. Poincaré desembarca em Cronstadt.

21 de julho—A imprensa anuncia que a Austria enviará á Servia uma nota muito cortez, mas decidida.

23 de julho—O ministro da Hungria em Belgrado apresenta o ultimatum *ao govêano da Servia, concedendo um praso até ás 6 horas da tarde do dia 25.*

24 de julho—O ministro da Servia em S. Petersburgo recebe a comunicação de que a Russia apoiará a Servia.

25 de julho—O govêrno servio entrega a resposta ao ministro da Austria. O ministro declara que considéra rotas as relações diplomaticas e abandona Belgrado.—O govêrno austriaco entrega os passaportes ao ministro da Servia.—A Servia ordena a mobilisação geral do seu exercito.—A Alemanha aprova a nota da Austria.—A Russia pede á Austria que amplie o praso do ultimatum *e envia uma nota ás potencias dizendo que não póde ficar indiferente ante o conflicto. Em todo o imperio russso terminam as gréves. Por meio de um decreto é ali antecipada a promoção dos alunos militares.*

26 de julho—A côrte da Servia é transferida de Belgrado para Nish.—A Austria começa a mobilisação parcial do seu exercito.—Em Paris, S. Petersburgo, Berlim, Viena e Budapest realizam-se imponentes manifestações a favor da guerra.

27 de julho—Sir Edward Grey propõe ás potencias interessadas uma conferencia em Londres.—O Kaiser regressa a Berlim.—A Austria declara guerra á Servia.—As tropas austro-hungaras ocupam Belgrado.

28 de julho—A Russia pede á Austria que suspenda temporariamente as hostilidades.

29 de julho—Continúa rapidamente, embora sem caracter oficial, a mobilisação em todas as nações interessadas, incluindo a Inglaterra.

31 de julho—A Alemanha apresenta o ultimatum *á Russia e á França e declara o estado de guerra no imperio.*

1 de agosto—A Alemanha declara a guerra á Russia.—A França ordena a mobilisação geral do exercito. Dão se alguns incidentes nas fronteiras russo-alemã e franco-alemã.

2 de agosto—Os alemães invadem o Luxemburgo.

3 de agosto—Os alemães invadem a Belgica.—A Alemanha declara guerra á França e apresenta o seu ultimatum *á Belgica.—O parlamento inglez vota francos*

1.250.000.000 para fazer respeitar as costas da França e a neutralidade da Belgica.

4 de agosto—A Inglaterra declara guerra á Alemanha.

5 de agosto—Os alemães bombardeiam Liége e invadem o territorio holandez.

6 de agosto—A Alemanha envia um ultimatum *á Italia, convidando-a a combater a seu lado.*

7 de agosto—Recebem-se noticias sobre uma importante batalha travada no Mar do Norte entre as esquadras ingleza e alemã.—As tropas francezas invadem a Alsacia-Lorena.

8 de agosto—O exercito belga repele as tropas alemãs, que não conseguem apoderar-se de Liége.

9 de agosto—Recebe-se a noticia de que o Banco de Londres baixou a taxa de desconto para 5 °/₀.

Depois désta data ainda nenhum outro acontecimento mais gráve se produziu embora o telegrafo tenha dado conta de várias escaramuças e pequenos combates entre as nações beligerantes.

Tudo indica, porém, que estamos em vesperas de grandes batalhas das quais naturalmente ha-de pender a vitoria da *Triple entente*, que é o que toda a gente almeja.

—=—

Supressão de comboios

Devido á falta de combustivel que dum momento para o outro póde sobrevir, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses, além de outros, fez sustar a circulação dos seguintes comboios:

N.º 17, *tramway*, que partia désta cidade para o Porto ás 11,6; n.º 52, *rapido*, que passava em Aveiro, para Lisboa, ás 9,54; n.º 1513, *tramway*, que seguia daqui para o Porto ás 11,27; n.º 1514, *tramway*, do Porto; n.º 20, *tramway*, para a Figueira, com passagem em Aveiro ás 12,56; n.º 51, *rapido*, das 12,57; n.º 53, *Sud-Express*, para o Porto; n.º 54, *Sud-Express*, para Lisboa, ás 14, 40; n.º 4, *omnibus*, para Lisboa, ás 17,53 e n.º 11, *tramway*, para o Porto, ás 21,47.

—=—

Telegramas para o estrangeiro

Por ordem superior, o serviço telegrafico para Suissa e Turquia ou em transito por qualquer destes dois países, só póde ser redigido em francês; para todos os outros países póde ser redigido em francês ou inglês. Linguagem convencional ou cifrada, completamente enterdicta.

Endereços dos telegramas bem como assinatura devem ser completos, não se admitindo endereços abreviados. Não são admitidas abreviaturas nem marcas comerciaes no texto. Todo o serviço, sugeito a censura e a grande demora, aceitando-se sómente a risco dos expedidores.

Nenhuma reclamação poderá ser tomada em consideração relativa á fórma porque o serviço fôr executado.

Exceptua-se déstas disposições o serviço que fôr directamente destinado á Hespanha.

CORRESPONDENCIAS

Ois da Ribeira, Agueda, 10

Informações que reputâmos seguras e que nos chegam á ultima hora, dizem que o sr. administrador do concelho não póde conservar-se ilezo perante as nossas ligeiras criticas. Tambem assim o julgâmos. Mas do que o não supunhamos capaz era de descer a insinuações como aquélas de que teem sido alvo vários republicanos de quem se diz estarem á esmola anual do falecido padre João Maia.

Isso é que não. Pois apezar de termos sido nós, os republicanos de Ois, por quem sua ex.ª tinha mais simpatía, hoje que eles se não deixam arrastar nem pelo sr. Castela nem por alguns dos seus amigalhotes, já se diz a correligionarios que sentem comnosco as afrontas que Agueda tão baixamente acoberta e apadrinha aos reaccionarios désta freguezia—*que nós somos mais que republicanos e só desejávamos apoio para vencer a cacête!...*

E' até onde póde chegar. Nunca isso aconteceu. E que apareça alguma pessoa que de nós recebesse qualquer pedido de protecção para calcar os adversarios politicos. Venham as provas déssa calunia. Vá; não exitem; confundam-nos se são capazes.

Ora como os republicanos de Agueda prometeram a egreja ao padre Tavares e não consultaram a Cultual para saber se estava de acordo em transigir com este padre, o que de fórma alguma podia acontecer visto aquêle *ministro do senhor* ter sido um atroz perseguidor não só da Cultual como dos republicanos, segue-se que o conflito era inevitavel. Chegou a vir aqui o sr. dr. Eugenio Ribeiro e nós fomos convidados a assistir a uma reunião, a que não comparecemos por sermos os proprios a temer da nossa presença na assembleia, evitando assim dizermos ao nosso amigo dr. Eugenio que o tempo da escravidão já findou...

Depois déssa infructifera tentativa conciliadora quiz o sr. Castela obrigar a uma transigencia desairosa a Cultual. Não foi um amigo, o sr. Castéla. Foi tão sómente o autor de mais um atentado contra os bons principios que nós tão sagradamente temos defendido.

O sr. Crstéla antes de ser administrador atacou a politica de Agueda e os seus dirigentes; mas entrou para a administração e depois disso foi o que se viu. Sua ex.ª fez desconsiderações ao nosso regedor, que é não só um dedicado republicano como um perfeito homem de caracter, mil vezes peores do que se tratasse com um negro. Por isso os republicanos désta freguezia não pódem de fórma alguma calar-se deante das afrontas recebidas. E' que o tempo tudo faz esquecer, a uns mais do que outros e o sr. Castéla não quer fugir á regra...

=Está entre nós gosando as férias o sr. Manuel Claro de Almeida, digno professor na Pampilhosa do Botão.

=Foi para a praia do Farol o nosso amigo Jacinto Pereira de Matos, conceituado regente da tuna désta freguezia.

José Pinheiro de Almeida

✤

Castélo de Paiva, 9

Não podia deixar de ser.

Desde que algumas autoridades, funcionarios e empregados publicos fecharam os olhos, taparam os ouvidos e abriram as bolsas para receberem o que era deles e o que era dos outros, principalmente no nosso concelho, o resultado era uma guerra civil para pôr termo a um tal estado de coisas.

Vamos á questão. Não nos importa quaes sejam as nossas instituições. Todo o português, honrado e patriota, tem por dever defender o seu país, o bem da sua Patria.

Neste numero está o velho que escreve estas linhas e conta 72 anos completos.

A's armas portuguêses! Desde a implantação da Republica está o nosso país, e principalmente o concelho, governado por pessoas que só tinham em mira encherem as bolsas, consentindo os assassinatos, roubos e poucas vergonhas.

A nossa arma será desfechada contra eles.

A' guerra, pois.

C.

EDITAL

Filinto Elisio Feio, Administrador interino do concelho de Aveiro:

Faz saber que no *Diario do Govêrno* de 10 do corrente foi publicado o seguinte decreto:

Artigo 1.º Todos os que negociarem em generos alimenticios de primeira necessidade são obrigados a entregar, sob pena de desobediencia, á respectiva autoridade administrativa, dentro do praso de oito dias, a contar deste decreto, uma relação dos preços por que vendiam taes generos no dia 1 do corrente mez de agosto.

§ 1.º Essa relação será datada e assinada, sendo a assinatura reconhecida por notario, quando não tiver carimbo da respectiva casa comercial. Os reconhecimentos serão isentos de selo e feitos gratuitamente.

§ 2.º Poderão os interessados, para sua salvaguarda, exigir da autoridade administrativa o seu *visto*, convenientemente datado, em um duplicado da relação a que se refere o artigo.

§ 3.º As relações ficarão patentes ao publico nas respectivas repartições administrativas.

Art. 2.º Sem autorisação da autoridade administrativa é expressamente proíbido, sob pena de desobediencia qualificada, elevar os preços constantes das relações mencionadas no artigo antecedente.

§ 1.º Essa autorisação, sempre por escrito, deverá, em regra, ser negada para a elevação de preço dos generos de produção nacional e concedida para os de importação estrangeira quando o interessado, documentalmente, demonstre a necessidade de tal elevação.

§ 2.º Das decisões da autoridade administrativa pódem os interessados reclamar para uma *Junta Distrital* composta:

a) Do auditor administrativo, presidente;

b) Do inspector de finanças;

c) E de um comerciante residente na séde do distrito, escolhido pela Associação Comercial, ou, na sua falta, pela câmara ou comissão municipal da mesma séde, dentro dos oito dias imediatos ao da publicação deste decreto.

§ 3.º A *Junta* reunirá na Inspecção de Finanças e terá como secretario, sem voto, um empregado da mesma Inspecção da escolha do inspector.

§ 4.º Poderá a *Junta* funcionar com a maioria dos seus membros.

§ 5.º A reclamação da decisão da autoridade administrativa para a Junta não terá efeito suspensivo, e será devidamente documentada, podendo ainda oferecer-se até tres testemunhas que os interessados se comprometam a apresentar perante a mesma Junta, no dia por esta designado para julgamento, e de que se dará conhecimento, pelo telegrafo, caso seja necessario.

§ 6.º A Junta julgará as reclamações, *ex aequo et bono*, e sem adestrições de formalismos procéssoaes, devendo, contudo, fazer lavrar auto em que se mencionem, resumidamente, as provas e motivos da sua decisão, que deverá ser tomada dentro dos oito dias seguintes ao da recepção da reclamação.

Em acto seguido ao julgamento será afixado á porta da Inspecção de Finanças o resultado do mesmo, para conhecimento dos interessados.

§ 7.º Quando, porventura, o julgamento a que se refere o § anterior revogue ou altere a decisão da autoridade administrativa, poderá a *Junta* fixar o limite maximo da pretendida elevação de preço.

§ 8.º O procésso da reclamação será isento de selo, e depois do julgamento será enviado á autoridade administrativa que o motivára, para seu conhecimento, e o arquivará.

§ 9.º Negada a autorisação a que se refere o artigo, e emquanto não fôr alterada pela *Junta* a decisão da autoridade administrativa, se se verificar a elevação de preço, deverá aquela autoridade fazer lavrar imediatamente o competente auto—que valerá, em juizo, como corpo de delito—podendo ainda mandar encerrar o estabelecimento pelo tempo que julgar conveniente, ou tomar pelo preço anterior e para o Govêrno, que lhe dará a aplicação que entender, os generos cuja elevação de preço motivar tal medida.

Art. 3.º Independentemente das relações a que se alude no artigo anterior, serão egualmente punidos com as penas de desobediencia qualificada todos os que, sem autorisação da autoridade administrativa, venderem, diretamente ou por interposta pessoa, generos alimenticios de primeira necessidade por preços superiores aos que os mesmo vendedores mantinham no dia mencionado no artigo 1.º.

§ unico. No caso do artigo observar-se-ha o disposto nos §§ do artigo anterior.

Art.º 4.º Estão compreendidos nas disposições dos artigos antecedentes, não só os estabelecimentos de venda de generos alimenticios de primeira necessidade, como: *fabricas e armazens de viveres, açougues, talhos, mercearias e padarias*, mas ainda os de *oleos e combustiveis*, quer todos eles vendam por grosso ou a retalho.

Art.º 5.º A venda ambulante ou em mercados, de generos alimenticios de primeira necessidade, como sejam *aves, caça, peixe, legumes, frutas e ovos*, tambem será fiscalisada pela respectiva autoridade administrativa, por fórma a evitar os abusos visados no presente decreto, podendo, para isso, fixar preços, ouvidas préviamente, sempre que seja possivel, as classes interessadas.

Art. 6.º Ficam egualmente incursos nas penalidades de desobediencia qualificada os que, fornecendo por si ou por outrem quaesquer generos dos mencionados nos precedentes artigos, produzirem ou provocarem a elevação de preços prevista nos mesmos artigos, sem a prévia autorisação das autoridades administrativas.

Art. 7.º Para elucidação do publico, e sobretudo para nortear o procedimento das autoridades administrativas e juntas a que se referem os artigos antecedentes, será semanalmente publicado pelo Ministério do Fomento um boletim contendo os necessarios esclarecimentos.

Art. 8.º As autoridades a que se refere o presente decreto são:

a) Em Lisboa e Porto os respectivos comandantes da policia.

b) Fóra destas duas cidades os respectivos administradores do concelho.

Art. 9.º Este decreto entra imediatamente em execução e apenas vigorará emquanto subsistirem as perturbações a que se alude no seu preambulo.

Art. 10.º Fica revogada a legislação em contrario.

Para constar se passou este e outros de egual teor, que vão ser afixados nos logares publicos do costume.

Administração do concelho de Aveiro, 11 de agosto de 1914.

Filinto Elisio Feio